

A SEMANA – 156

John Gledson

Assuntos menores: um episódio no Conselho Municipal sobre as novas regras para os passageiros dos bondes. Interessa em parte pelos comentários – humorísticos embora – sobre a imprensa. Com efeito, Machado aproveita muito as reportagens das câmaras e do Conselho Municipal, sobretudo as do *Jornal do Commercio*, que as reproduzia com todos os detalhes, as brigas, os apartes etc. A tentativa de greve de alfaiates em Buenos Aires é motivo para uma fantasia cômica, semelhante a outras em que imagina a universalização de um evento trivial.



A SEMANA

26 de maio de 1895

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Sou eleitor, voto, desejo saber o que fazem e dizem os meus representantes. Não podendo ir às câmaras, aprovo este meio de fazer da própria casa do eleitor uma galeria, taquígrafando e publicando os discursos. É assim que acompanho a vida dos meus representantes, as opiniões que exprimem, o estilo em que o fazem, as risadas que provocam e os apoiados que alcançam. A publicação é a fotografia dos debates.

Entretanto, disse-se agora uma coisa no conselho municipal que absolutamente me deixou às escuras. Um intendente, – e, não havendo injúria¹ nisto, não sei por que² lhe não ponho o nome, o Sr. Cesário Machado deu este aparte: “Há carros da Companhia Carris Urbanos que podem comportar perfeitamente quatro passageiros em cada banco.” A isto replicou o Sr. Júlio Carmo: “Magros como eu, mas não gordos como V. Ex.” Explicou o Sr. Cesário Machado: “Passageiros regulares.”³ É claro que, em tais casos, não há meio de conhecer o alcance das afirmações. Se os intendentes falassem de gordura e magreza, em geral, teríamos⁴ uma ideia aproximada dos bancos; mas um deles definiu a gordura e a magreza pelos nomes das pessoas, e não conhecendo nós a gordura do Sr. Cesário, nem a magreza do Sr. Carmo, ficamos sem entender esta explicação do primeiro: “Passageiros regulares”. O regular aqui é o termo médio entre o primeiro e o segundo.

Como suprir essa lacuna e outras da publicação dos debates? Empregando a gravura. Uma gravura que nos desse no próprio texto, no lugar da troca dos apartes, as figuras dos dois intendentes, com a diferença visual da abundância e da escassez das

¹ Aqui, havia uma vírgula desnecessária na *Gazeta*, que Aurélio mantém. Entretanto, tira outra, igualmente errada, depois de “por que”.

² Aqui na *Gazeta* há uma vírgula, que Aurélio tira silenciosamente, cremos que com razão. Na verdade, devia ter tirado.

³ Este diálogo vem reproduzido no *Jornal do Commercio* do dia 23 de maio, p. 3, col. 6. O sr. Júlio Carmo [o magro] continua assim: “Há vinte e tantos anos que sou obrigado a viajar nos bondes da Carris Urbanos, e posso afirmar a V. Ex. que raro é o banco desses bondes em que podem viajar quatro pessoas, a não irem muito apertadas.”

⁴ Aqui na *Gazeta* há uma vírgula, que Aurélio tira silenciosamente.

carnes, e a competente escala métrica, poria a ideia inteiramente clara, e qualquer de nós acharia na própria ata os elementos para julgar da votação do conselho. Fora disso, palavras, palavras, palavras.⁵

A gravura pode, na verdade, prestar grandes serviços a este respeito. Falo aqui, porque já em outras partes, mormente nos Estados Unidos da América, ela é a irmã natural do texto. As folhas andam cheias de retratos, cenas, salas, campos, armas, máquinas, tudo o que pode,⁶ melhor ou mais prontamente que palavras, incutir a ideia no cérebro do leitor. Não há por essas outras terras notícia de casamento sem retrato dos noivos, nem decreto de nomeação sem a cara do nomeado. Nós podíamos ensaiar politicamente, e mais extensamente, essa parte do jornalismo.

Os discursos ilustrados teriam outra vida e melhor efeito. O pensamento do orador, nem sempre claro no texto, ficaria claríssimo. As cenas tumultuosas seriam reproduzidas. Uma das regras, que podiam ser fixas, era fazer preceder cada discurso pelo retrato do orador, com a atitude que lhe fosse própria e habitual, ou a que tivesse naquela ocasião. Também se podiam reproduzir pela gravura as figuras de retórica, e, quando conviesse, as perorações.

A amizade pessoal ou política podia favorecer assim mais um orador que outros, dando maior número de gravuras a um amigo ou correligionário. Nem contesto que um ou outro orador, sabendo desenhar, levasse por si mesmo à imprensa as imagens que lhe parecessem necessárias e dignas. O primeiro caso podia trazer inconvenientes, mas tendo cada um os seus amigos, nenhum ficaria propriamente na miséria. O segundo era legítimo. Além de auxiliar a imprensa, aquele orador que assim praticasse, faria a maior parte da sua reputação, dever que não cabe só ao homem particular, mas também ao público.

A mim poucas coisas me fortalecem tanto como ver cumprir da parte de um homem, particular ou público, esse dever humano. O verdadeiro homem público é o que não deixa esse encargo exclusivamente aos outros, mas toma uma parte, a mais pesada, sobre os seus próprios ombros. Nem de outro modo se pode servir utilmente à pátria. A pátria é tudo, a rua, a casa, o gabinete, o templo, o campo, o porão, o telhado, – mais ainda o telhado que o porão; o telhado confina com o azul, e o azul é o zimbório da felicidade...

Nem sempre o será, creio; mas os conceitos falsos, e principalmente absolutos, sendo brilhantes, parecem verdades puras. Toda a questão é expressá-los com o gesto largo e a convicção nos beiços. Imaginai que o período anterior é a conclusão de uma arenga, dita com os braços estendidos, as mãos abertas e voltadas para baixo, os

⁵ Citação (que quase não se reconhece como tal) de *Hamlet*, ato 2, cena 2 (“Words, words, words.”).

⁶ Esta vírgula não está na *Gazeta*. Aurélio a acrescenta, cremos que com razão.

polegares unidos, dando uma imagem vaga do zimbório. Imaginai isto, e dizei se o próprio teto azul não viria abaixo com palmas.

Alguns, vendo esta minha insistência, suporão que ando com o cérebro um pouco desequilibrado. Melancolia é meia demência. Ora, eu ando melancólico, depois que li que acabou a parede dos alfaiates de Buenos Aires.⁷ A elegante Buenos Aires é um ponto da terra; mas Nazaré também o era, e de lá saiu Jesus; também o era Meca, e de lá saiu Mafamede. Comparo assim coisas tão essencialmente opostas, como a fé cristã e a peste muçulmana, para mostrar que o bem e o mal do mundo podem vir de um ponto escasso. De Buenos Aires contava eu que viesse uma religião nova.

A parede dos alfaiates ia estender-se, alastrar pela América, transportar-se à Europa, e passar de lá a toda a parte do globo onde o homem veste o homem. A constância dos paredistas, o orgulho do desespero, ajudados pela ação do tempo, iriam acabando com as casacas, coletes e calças. Os criados receberiam ordem de servir em mangas de camisa. A criada obrigaria os amos à adoção da simples camisa e do resto. A natureza readquiriria assim metade dos seus direitos; era a nova religião esperada. Se não falo da costureira, é porque a natureza é só uma, e os vestidos seguiriam o rumo das casacas... A decência seria muito menor; mas que economia!



⁷ Telegramas sobre esta “parede” aparecem na *Gazeta* ao longo da semana, nos dias 20, 22 e 23. Neste dia diz: “A parede dos oficiais alfaiates diminui sensivelmente. Alguns já começaram a trabalhar. Espera-se que dentro de poucos dias todos os paredistas voltem ao trabalho.”